

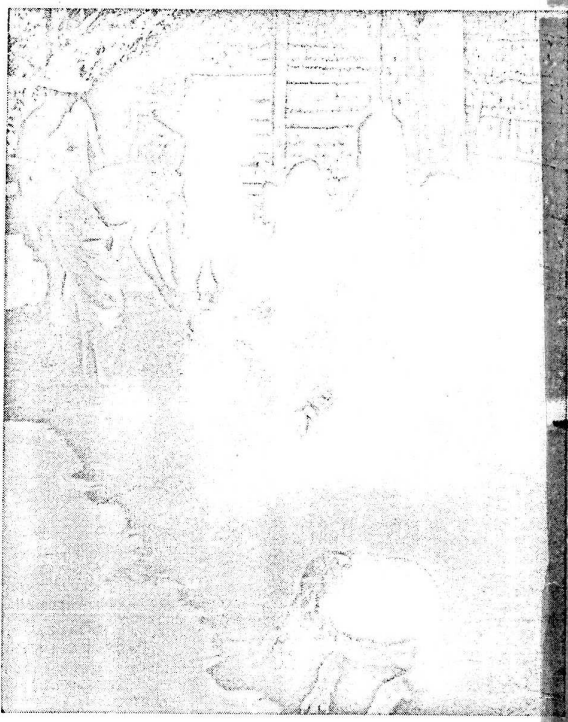
# A DIFÍCIL COMUNICAÇÃO COM O CIVILIZADO

DE TARCÍSIO BALTAZ E RUBENS BARBOSA □ ENVIADOS ESPECIAIS DO JB



A imposição de uma cultura estranha e um falso paternalismo são as duas maiores ameaças aos índios, sobretudo quando ainda em estágios muito primitivos. Os beijos-de-pau só há pouco começaram a falar. Os seus muitos hectares de terra, cobertos pelo branco, reduzirão a superfície da tribo, limitando suas possibilidades de subsistência. As defesas contra a assimilação são poucas, as ameaças inúmeras.

## A PACIFICAÇÃO DOS BEIÇOS-DE-PAU (II)



De todos os índios beijos-de-pau que mantiveram contacto com a expedição da Funai, Beirão é o mais trabalhador e alegre. Mas é os e seus companheiros talvez recusassem qualquer entendimento com o homem branco, se soubessem da história das outras expedições pacificadoras, responsáveis pelo início da extinção de muitas tribos.

Beirão ignora que homens com o seu porte físico e a sua mesma alegria pela vida mendigam hoje por Mato Grosso, depois que aceleraram pacificamente a convivência com os civilizados. Desconhece que isso está acontecendo com os membros das cinco tribos consideradas pacíficas naquele Estado: bororos, beacaris, cajabís, xavantes e inhambiquaras.

### Os guerreiros beijos-de-pau

Uma simples comparação entre as tribos já pacificadas e dos beijos-de-pau torna claro que não foi nenhuma vantagem para as primeiras aceitar as imposições dos homens brancos. E que estes, do alto de sua superioridade, após conquistarem os índios com presentes e um falso paternalismo, passaram a impor sua cultura à cultura do selvagem. O impacto é muito grande: o índio, com a simples erradicação de seus hábitos e costumes, perde o gosto pela própria vida. Até agora, Beirão e seus companheiros se mantêm livres de tal perigo, em virtude de ainda poucos contactos. Mas correm um grande risco. E poderão deixar de ser os aguerridos beijos-de-pau.

Chegou também a hora de a Funai modificar seu sistema de trabalho, atualmente nos mesmos moldes do extinto SPI. Há tempo, mas não muito, para que o órgão entrique a expedição com sociólogos, antropólogos e médicos. Só estes poderão determinar o que se deve manter no índio, quais os principais traços culturais que não podem ser modifi-

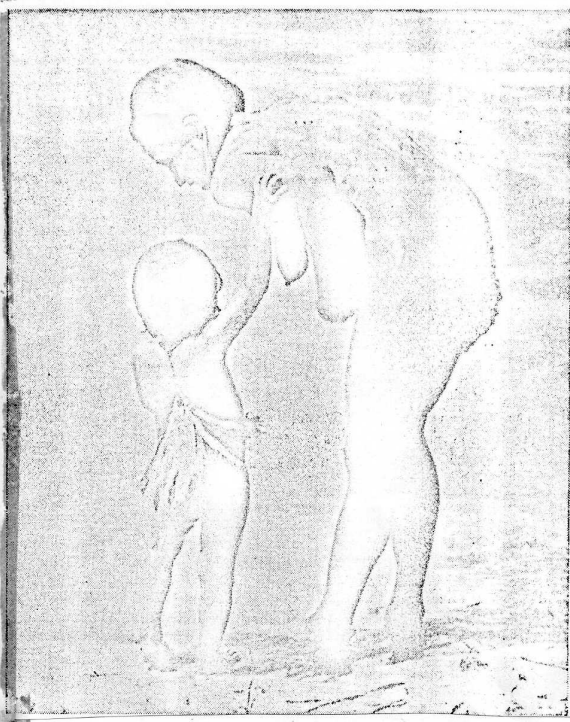
cados abruptamente e até quando e até que nível é frutífero o contacto entre o civilizado e o selvagem, inclusive quanto à saúde.

### Oportunidade única

Considerada pelo Indianista alemão Fritz Toksdorf, membro da expedição, como a tribo de cultura mais primitiva de quantas foram descobertas ultimamente, os beijos-de-pau demonstram claramente que usam a linguagem falada há relativamente pouco tempo. Como os animais, eles utilizam quase que somente a garganta para emitir sons. Estão muito distantes do mundo civilizado, em que os homens conseguem falar sem esforço, fazendo da língua e dos dentes, bem como dos lábios, outros instrumentos que facilitam a comunicação verbal. Um estudo de línguas faz também falta à expedição. Para ele seria uma oportunidade única: conviver com um povo que está aprendendo a falar agora.

Quanto ao seu nível cultural, os beijos-de-pau superam a fase da pedra polida, mas ainda não usam nenhum material metálico em suas armas e instrumentos de trabalho. Vivem apenas da caça e da pesca, além de pouco de mandioca que plantam. E com qualquer animal que lhes caia na mão, eles mesmo homens. Não negam isso: um casal de índios se aproximou de um dos repórteres que acompanhava a expedição e depois de apertar seu estômago comentou por gestos muito claros que "aquilo deveria ser uma boa comida."

Acredita o Indianista Fritz Toksdorf que eles não sabem a procura de homens para comer. Só degustariam carne humana quando, com fome e sem outros alimentos, encontrassem alguém morto na floresta ou matassem um inimigo. A conclusão dos indianistas é baseada no costume dos índios canoeros, vizinhos dos beijos-de-pau que só devoram pessoas em última instância.



### A grande área

Um milhão e duzentos mil hectares para apenas mil pessoas é terra demais, do ponto de vista dos homens civilizados. Mas acontece que os beijos-de-pau, em seu atual estágio cultural, necessitam de uma grande área de floresta onde a lenha se renove continuamente, sem qualquer ajuda humana. Eles sabem o que vão encontrando, sem nenhum medo. Não percebem, sequer, que o macaco, animal que lhes cai no paladar, está em fase de extinção naquelas matas de Mato Grosso. E nem os problemas da reprodução.

Em suas longas caminhadas em busca de alimentos, os beijos-de-pau chegam a ir a mais de uma centena de quilômetros de suas aldeias. Para tanto, mantêm escondidas na Floresta inúmeras cabanas de caça. Uma delas fica a uns cinco quilômetros do local onde a expedição da Funai fez seu acampamento. É uma mata-pau-cupo tipo, coberto de palha, vai até o chão de um lado, subindo inclinado a uma altura de 1,50m, do outro. Ali eles passam a noite, deitados em esteiras trançadas com palha de uma espécie de palmeira. Um longo tronco de árvore serve de travessão único para todos. Do lado central há outro tronco, onde põem os pés quando deitados. E entre cada esteira uma fogueira, que serve para matar o frio, espantar os mosquitos e preparar alimentos em qualquer momento do dia, pois os beijos-de-pau não têm hora para comer.

As mulheres casadas e as crianças acompanham os homens nas caçadas e pescarias, estas também na base do arco e da flecha. E para que os meninos de colo não se tornem um obstáculo, as mães os carregam num enfiado de palha que usam como se fosse uma faixa de concurso de miss. Os saracitinhos põem as nádegas na parte do trançado que fica próximo à cintura da mulher e ali se escaleiam, com uma perna na barriga de quem o conduz e outra no fim das costas. Dessa maneira, as mãos da pessoa que leva o menino ficam livres para carregar qualquer peso, afastar os cipós e matar os mosquitos que são muitos e de várias espécies, com os índios comendo os que matam sobre sua própria pele.

### O perigo da interpretação

Os membros da expedição da Funai já estão ensinando os índios a plantar mandioca de forma mais racional, inclusive com o uso de enxadas. Pretendem também que os índios venham a criar animais domésticos. Com isso, eles diminuiriam suas andanças em busca de caça. Tudo está certo e é muito lógico. Só que há um perigo que pode motivar o início da extinção dos beijos-de-pau: é o da Funai, tomando unicamente por base o ponto-de-vista do homem civilizado, limitar muito o território dos selvagens, ao cuidar do problema da terra excedente. Nesse caso, os índios, cuja cultura exige grandes caminhadas na luta pela sobrevivência, terminariam indolentes e por fim morrer, perdendo o gosto pela própria vida. Afinal, aqueles 1200 mil hectares são mesmo deles.

E enquanto todo o destino dos beijos-de-pau está entregue ao bom senso ou não da civilização, Beirão e seus companheiros demonstram grande prazer em trabalhar pela sobrevivência: caçar e pescar é sempre motivo de alegria. A validade também toma conta de todos eles — de vez em quando aparecem com os rostos pintados de vermelho. Para isso usam um líquido da madeira verde de imbaúba. As mulheres, principalmente, ficam muito bonitas quando pintadas. Seus olhos ficam mais negros no contraste com o vermelho. Seus cabelos também ficam brilhantes assim. Já os índios pacificados anteriormente em

Mato Grosso não têm mais bebês. Por falta de responsabilidade do homem branco, os beijos-de-pau deixaram de ser índios, mas nada sabem que eles fossem realmente civilizados. Não há espécie de parias, mendicando o sustento da Funai. Antigos guerreiros pintados e casados. Os bororos, por exemplo, pedem quatro filhos em cada cinco que nascem. Hoje não há, antes eram milhares.

### O problema da comunicação

O nome de Beirão não é Beirão. Mas não se preocupou em dizer como e quando nasceu. Afirmo o humanista Fritz que é costume entre os índios só revelar o nome aos seus verdadeiros amigos. E Beirão ainda não sabe se aqueles estranhos são realmente amigos. Surgiu, assim, um problema entre os membros da expedição e os jornalistas que o acompanhavam: como chamar os índios, como identificá-los?

Foram então aparecendo os apelidos: Beirão, pelo seu enorme beico de pau o maior de todos; Lolita, pelos seus 12 anos, embora já casada com Beirão; Bom Pai e Boa Mãe, um casal exemplar, sempre preocupado com os dois filhos e fazendo questão de assumir a sua responsabilidade pelo nascimento daquelas duas criaturinhas; a Viúva, que parece viúva mesmo, pois ainda cria um filho nas brancas, mas desacompanhada de homens.

Estavam lá também o incorrigível Morreira da Silva, que gosta de escutar samba e acompanhar o batuque, bem como cantar as músicas de sua tribo; o velho Maharishi, parcidíssimo com o hindu que foi mestre espiritual dos Beatles; Cicatriz, um índio jovem que tinha seu corpo todo talhado do ponto de lança, talvez consequência de uma cerimônia religiosa, além de muitos outros, como Cavalo, Brabo, Jacó, Falcão e o menino Crati.

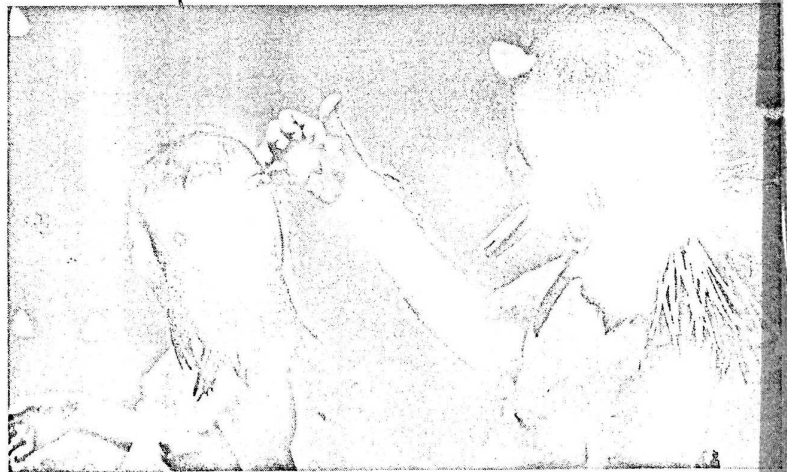
Mas o que chamou mais a atenção dos jornalistas e membros da expedição foi o índio apelidado de Traidor. Ele, que foi um dos primeiros a manter contacto com os civilizados, demonstra claramente não gostar de sua tribo. Não quer comer com seus companheiros e sim na cozinha, com os brancos. Nunca anda nu e sim de calça, camisa e botas. Não quer caçar, nem pescar. E faz a corte a Francisquinha, filha de um dos trabalhadores brancos contratados pela Funai.

Não houve tempo de constatar se o Traidor era enfeitado pelos seus ou se enfeitava. Não há dúvidas, no entanto, que é um caso real de desajustamento à sua comunidade. Talvez uma forte neurose indiana. O pescal da expedição aceitou esse comportamento, embora estranhasse muito. Principalmente o indianista Fritz, que, baseado em sua longa experiência, sabe que mesmo os índios pacificados têm uma ternura especial aos de sua raça.

### O complexo de Édipo

O Bom Pai e a Boa Mãe têm um filho e uma filha, ambos ainda de colo. A menina chora todas as vezes que vai para sua mãe. O menino não aceita ficar com o pai. O caso foi observado durante nove dias. Em nenhuma oportunidade as crianças fizeram qualquer conexão. Os outros casais indiano apresentavam também o mesmo problema, mas não com tamanha intensidade. E que as demais crianças suportam ir para o colégio de seu sexo, apesar de sempre mostrarem preferências pelo do sexo oposto.

Manias e eufecios não foram vistos entre os índios. Todos, por sinal, tinham de olhos bem abertos e mantêm a boca no lugar. Nunca contorcem os lábios ou fazem caretas, a não ser quando estão pintando os brancos. E se tratam com grande ternura. O pai não briga com os filhos, nem houve brigadas durante o tempo em que a expedição esteve lá.



A simplicidade da vida primitiva pode ser comprometida por uma pacificação sem planejamento. O contato estreito dos índios com a natureza cria hábitos de vida, difíceis de mudar.